

# Gramática

Rousas J. Rushdoony

O idioma e a gramática são expressões da história de um povo, de sua cultura e religião. Com freqüência ouvimos que a gramática é um tema artificial, e que está sujeita a mudanças e evoluções, enquanto os críticos da nova gramática são acusados de crer que nossa gramática tradicional é, de alguma maneira, uma revelação especial de Deus. Não é necessário (nem sensato) crer que a gramática é revelada por Deus com o objetivo de negar o relativismo radical da nova gramática. A gramática e o idioma são, de fato, relativos a uma cultura, porém, algum grau de relativismo não torna necessário (nem sensato) um relativismo radical. Nem o homem nem seu mundo são absolutos; eles são criação de Deus, de maneira que se relacionam, em primeiro lugar, com Deus, e, em segundo lugar, com o resto da Criação. Existe um grau de relatividade em toda a criação. Aquele que busca um absolutismo neste mundo ao afirmar um relativismo radical não passa de um humanista; ao reduzir todas as coisas em volta do homem e ao sujeitar o mundo do homem ao fluxo e à mudança, ele isola o homem como seu novo absoluto. O fato de que o idioma e a gramática são relativos à fé e história de um povo não significa que não exista um elemento de valor e verdade neles. Pelo contrário, necessitamos dizer que o idioma e a gramática de um povo são um produto de sua história e crença. De modo que o tipo de religião que um povo possui afetará com o tempo profundamente seu idioma e gramática. Além disso, as coisas terão um significado diferente para eles em razão da fé. É porque não entendemos isto que com freqüência reinterpretemos as obras de outra cultura em termos de nosso próprio mundo de significação. Um exemplo clássico disto é Aristóteles, que jamais entenderia o que falam os escolásticos e modernos ao expor o pensamento aristotélico. Para ele, palavras como “causa”, “substância”, “lei”, “ética”, “natureza” e assim por diante, tinham um significado radicalmente diferente.

Outro fato significativo é que o idioma e a gramática refletem o sentido de tempo de um povo, sua fé religiosa com respeito ao significado do tempo. A civilização chinesa experimentou um relativismo de uns 2.000 anos ou mais, ou, com certeza, uns 1.500 anos

da antiguidade. O resultado foi um idioma que em nada se pode comparar com nossa gramática e nosso sentido de tempo. Geralmente, quanto mais desenvolvido for o sentido de tempo de um povo, mais simples será seu idioma. O mandarim e vários idiomas dos índios americanos representam uma ampla divergência quanto à herança cultural, porém ambos têm em comum uma elevada complexidade. Há uma sutileza de expressão para os nuances do momento existencial aliada a uma maneira pouco elegante de tratar com o passado e o futuro. O pensamento (e os idiomas) africanos, nos diz o filósofo africano John Mbiti, carecem de uma categoria de futuro tal como a que se desenvolveu no pensamento ocidental (cristão). A consciência africana está interessada no passado, no presente e no futuro imediato, e qualquer coisa que não se ajuste a essas três categorias é um *não-tempo*. O conceito linear de tempo também é alheio ao pensamento africano. O *tempo real* é o presente e o passado. Se os eventos futuros são parte do ritmo constante, inevitável e necessário da natureza são considerados *tempo potencial*. De modo que o amanhã é, no geral, simplesmente aquilo que aconteceu ontem e hoje. Esta idéia de tempo também é comum a uma boa parte do mundo antigo, Ásia, e ao homem moderno tal como hoje o vemos<sup>1</sup>.

Ilustremos essa diferença quanto ao tempo citando duas declarações bastante similares com significados muito diferentes. De acordo com Plutarco, o templo de Ísis em Sais tinha esta inscrição: “Sou tudo o que chegou a ser, e o que é, e aquilo que será; e nenhum homem me levantou o véu”. Contraste isto com a declaração de nosso Senhor: “Sou o Alfa e o Ômega, princípio e fim, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Ap. 1:8). Ísis declara que ela mesma é o processo, o processamento do tempo e do ser. Tudo chegou a existir a partir dela e é idêntico a ela, o que é um conceito panteísta. Ela é o passado e o presente e tudo o que foi e é. Porém, não há aqui conhecimento do futuro: ele está velado e para além do conhecido. Ísis (do ponto de vista do amanhã) nem vê nem é vista. De modo que temos aqui um mundo de casualidades, não de predestinação.

Em contraste, Jesus Cristo, o Deus Todo-Poderoso, declara ser o Eterno, o criador de todas as coisas e a única fonte do significado de

---

<sup>1</sup> Ver Peter Berger, Brigitte Berger, Hansfried Kellner: *The Homeless Mind, Modernization and Consciousness*, p. 149-151. New York, N.Y.: Random House, 1973.

todas as coisas, seu Alfa e Ômega. Além disso, Ele é o ser absoluto que predestina todas as coisas e que deverá aparecer ou vir para jugá-las.

Deste modo, as duas declarações “similares” são totalmente diferentes e opostas em significado. A declaração de Cristo reestruturou os idiomas e as gramáticas ocidentais, e, através da tradução da Bíblia, está reestruturando os idiomas dos povos ao redor do mundo. A tradução da Bíblia é uma tarefa árdua porque implica na reelaboração de um idioma com o objetivo de que carregue, de fato, o significado da Bíblia. Isto significa uma nova visão do mundo, de Deus, do tempo e da linguagem. Um missionário me disse certa vez que um nativo convertido que tinha porções da Bíblia na tradução de Wycliffe havia comentado: “Agora falamos uma nova língua”.

Todos os nossos idiomas ocidentais manifestam claramente as marcas da fé e da tradução da Bíblia. Eles foram se tornando cada vez mais próximos das categorias bíblicas de pensamento e significado. Nossas idéias de gramática, tempo, sintaxe e estrutura, de pensamento e significado possuem cicatrizes cristãs. Está muito claro que nosso idioma e gramática são relativos, mas relativos a uma herança da fé bíblica. A nova gramática é hostil a está fé e tradição: sua motivação é um humanismo existencialista. Qualquer compromisso com este humanismo implica numa entrega radical de muito mais do que formas de linguagem.

Tradução: Márcio Santana Sobrinho

Fonte: The Philosophy of the Christian Curriculum, p. 48-50.